

Boulos e Saint-Simon



Por **FRANCISCO QUARTIM DE MORAES***

Lições da Revolução Francesa.

Em 20 de abril de 2020, Jair Bolsonaro afirmou: “Eu sou a Constituição”. Não escapou a Guilherme Boulos a analogia dessa declaração com a que foi atribuída ao rei da França Luís XIV, que em 1655 teria replicado aos magistrados parisienses que contestavam seus editos: “O Estado sou eu”. Em seu twitter ele comentou: “Um lembrete para Bolsonaro: a dinastia de Luís XIV terminou na guilhotina...”. Fingindo discernir nessa ironia bem-humorada uma grave ameaça à integridade física do chefe do Executivo, a Polícia Federal intimou Boulos a prestar depoimento, com base na lei dita de segurança decretada pela ditadura militar.

A alusão à guilhotina remete à Revolução Francesa; a manobra intimidatória policial ao principal precursor do pensamento socialista moderno,^[1] Claude-Henri de Saint-Simon (1760-1825). Aristocrata de origem, jacobino convicto, logo no início da Revolução Francesa de 1789 abdicou de seus títulos de nobreza e de suas propriedades feudais reivindicando apenas a dignidade de cidadão. Em 1819, no ambiente ultrarreacionário da Restauração dos Bourbon, Saint-Simon publicou na revista *L'organisateur* um de seus textos mais célebres, posteriormente intitulado *La Parabole*, em que ele sustenta que uma sociedade em que os que trabalham recebem absurdamente menos que os ociosos e improdutivos era um mundo de ponta-cabeça: “A sociedade atual é um verdadeiro mundo invertido. A nação admitiu como princípio fundamental que [...] os menos favorecidos se privem diariamente de uma parte do seu necessário para aumentar o supérfluo dos grandes proprietários. Os maiores culpados, [...] que espremam a totalidade dos cidadãos [...] estão encarregados de punir os pequenos delitos contra a sociedade. A ignorância, a superstição, a preguiça e o gosto pelos prazeres dispendiosos formam o privilégio dos chefes supremos da sociedade, e os que são capazes, econômicos e trabalhadores só são empregados como subalternos e como instrumentos. [...] os homens incapazes são os encarregados de dirigir os capazes; os homens mais imorais que são chamados a formar a virtude dos cidadãos, são os grandes culpados que são designados a punir os erros dos pequenos delinquentes” (SAINT-SIMON, *La Parabole*).

Ele ali imagina uma situação hipotética em que desapareceriam 30.000 dos principais intelectuais, poetas, produtores agrários, industriais e trabalhadores, concluindo que isso seria um desastre irrecuperável para a França. Depois supõe uma situação em que desapareceriam 30.000 nobres, políticos e usurários mais importantes da França, concluindo que este desaparecimento causaria tristezas individuais, mas que economicamente e politicamente o Estado francês não sofreria. Metódico e paciente, ele listou, nome por nome, cada um dos membros da família real francesa.

A reação que essa lista provocou na monarquia, nos nobres, nos políticos e na alta burguesia francesa foi imediata; entenderam-na não somente como uma ameaça à ordem social, mas também à própria integridade física da família real. Preso, considerado perigoso e subversivo, Saint-Simon foi levado a julgamento em março de 1820. Uma das acusações foi que *La Parabole* tinha estimulado o assassinato do Duque de Berry (sobrinho do rei Luís XVIII e filho do futuro Carlos X), ocorrido na noite de 13 de fevereiro de 1820, ao citá-lo nominalmente como um dos poderosos cujo desaparecimento não seria prejudicial à França. A acusação era absurda: o assassino do Duque de Berry, o operário e militante bonapartista Louis Louvel, preso em flagrante e executado quatro meses depois, tinha comprovadamente agido sozinho. Mas ainda reverberava no pescoço da nobreza francesa o fio gelado das guilhotinas da Revolução. Foi preciso grande empenho dos advogados de defesa de Saint-Simon para inocentá-lo. Os gastos jurídicos levaram a revista *L'organisateur* à falência e ele próprio, que um dia possuía enorme fortuna, à beira da indigência.

Na parábola saint-simoniana, a enérgica defesa de transformações sociais visando a melhoria objetiva das condições de vida dos mais pobres é inseparável da denúncia dos governantes incapazes, ociosos e perniciosos. Entende-se que essa denúncia tenha reativado nos círculos governantes da monarquia restaurada terríveis lembranças da França de 1789-1794, quando o absolutismo monárquico foi derrubado e a velha classe feudal implacavelmente dizimada pelos tribunais revolucionários. Mas no Brasil a ditadura militar terminou com conciliação e impunidade aos torturadores que o mortífero capitão de milícias defende. É nosso mundo invertido...

***Francisco Quartim de Moraes** é doutorando em História Econômica na USP.

Notas

[1] Friedrich Engels, por exemplo, afirmou no *Anti-Duhring* (1877) que ele possuía: «(...) ampla e genial visão, que faz com que todas as ideias não estritamente econômicas dos socialistas posteriores a ele, sejam contidas em germe em sua obra.